

## ENXERGANDO A UFC PELOS OLHOS DE UMA ESTUDANTE CEGA

*Ana Kristia da Silva Martins<sup>41</sup>*

Espero que todos estejam conscientes das vantagens e desvantagens de um relato de vivência pessoal. Se por um lado, este tipo de texto possui todas as vantagens que a realidade pode oferecer, por outro lado apresenta as limitações referentes a qualquer história individual, que não tem por objetivo criar regras gerais aplicáveis a todos os alunos com deficiência visual, uma vez que cada um possui uma individualidade e limites e potencialidades próprias.

Não é meu desejo ensinar a professores ou alunos a melhor forma de proceder em sala de aula, pois, para isso, minha experiência particular não seria suficiente. Contudo, ao longo deste texto, é possível inferir algumas coisas que são indispensáveis a um bom convívio em sala de aula entre aluno com deficiência visual e seus colegas, bem como deste com seu professor.

Sou aluna do 2º semestre do curso de Psicologia da UFC e ingressei nessa instituição através do exame vestibular, como qualquer outro aluno, com a diferença apenas no modo como eu fiz a prova. Todas as questões da minha prova eram idênticas às que estavam nas provas dos outros candidatos, porém como eu não podia ler o conteúdo da avaliação como as outras pessoas, a Coordenadoria de Concursos Vestibulares (CCV) disponibilizou uma pessoa para me auxiliar no teste, fazendo o papel de leitor para mim. Na primeira fase do concurso vestibular, ele lia todas as questões, eu respondia, e ele marcava as alternativas escolhidas por mim na prova e no cartão-resposta. Na segunda fase da seleção, a situação foi semelhante, com a particularidade de que as respostas não eram mais objetivas, mas subjetivas.

---

<sup>41</sup> Estudante de Psicologia/UFC, 2º período.

Mesmo assim estas foram ditadas por mim ao ledor, que as transcreveu para a prova.

Desde o meu ingresso na UFC tenho vivido experiências diversas todos os dias. Quando eu cheguei ao campus da Universidade, na verdade muito já se havia falado sobre mim, não somente por causa da preocupação da coordenadora, visando atender minhas possíveis necessidades, mas também em decorrência da curiosidade despertada por uma situação considerada nova: uma aluna cega.

Esta apreensão das pessoas com relação a quem seria esta nova aluna com deficiência visual é despertada em grande parte pelo preconceito rodeado de ironia, o que é expresso de modo geral pela expressão: “nossa, ela passou em Psicologia, é uma heroína!” As pessoas ao nosso redor têm sentimentos diversos para com os deficientes visuais e quando não é o preconceito, muitas vezes é a piedade. No entanto, através do convívio muitas dessas ideias podem ser desfeitas.

Quando chegou o dia da minha primeira aula, tudo aconteceu naturalmente porque não é em todas as aulas que você precisa ver, ou seja, a visão não é um pré-requisito para ser bem-sucedido na faculdade. Pelo contrário: como a maioria das minhas aulas é muito mais discursiva, não há grandes dificuldades para acompanhá-las, principalmente porque os professores por vezes sequer utilizam o quadro como auxílio fundamental para a compreensão.

Vale ressaltar, porém, que cada disciplina é diferente, cada professor tem a sua maneira de dar aulas e é claro que um aluno cego tem suas limitações. Ele não encontra problemas, por exemplo, para participar de um debate, no qual é mais importante ouvir o que os outros estão falando do que ver o rosto do interlocutor. Todavia, há momentos em que precisa realmente da visão e nessas ocasiões o que fazer? Uma postura que eu tenho adotado até agora é o diálogo inicial com os professores. Já no primeiro dia de aula eu lhes informo do meu problema de visão para que possamos conversar desde o começo sobre a maneira como ele

ministrará as aulas, suas avaliações e outras questões pertinentes. Existem algumas disciplinas que exigem uma maior atenção que outras, mas afinal, em sala de aula, a questão principal é o acesso ao conteúdo, que deve ser garantido ao aluno com deficiência assim como o é para os outros estudantes, porque no final todos serão avaliados da mesma forma. Minhas provas podem ser feitas de um jeito diferente, mas assim como no vestibular elas são iguais às dos outros em relação ao conteúdo.

O acesso ao conhecimento é mais difícil em algumas disciplinas, cujas aulas eu chamo de *aulas visuais*. Como exemplo, cito as aulas de Estatística, nas quais há muitos cálculos que são copiados no quadro; Anatomia, na qual o professor utiliza-se muito de ilustrações para apresentar as estruturas humanas para a classe; e mesmo aulas práticas de biologia, que são no laboratório e exigem o manuseio do microscópio. No entanto, mesmo nesses casos tudo pode ser resolvido através do diálogo.

Vou relatar como aconteceu comigo. No caso de Estatística, a questão foi resolvida com a simples atitude da professora de narrar o que estava escrevendo no quadro enquanto expunha o conteúdo ou quando resolvia exercícios. Por sua vez, em Anatomia, além da colaboração do professor, é muito importante a colaboração dos meus colegas, porque embora no princípio o professor tenha tido cuidado e atenção comigo, de vez em quando ele se esquece da minha situação, além de que existem outros alunos na sala que também precisam de ajuda. Ressalto, pois, o papel fundamental da interação com os colegas que estão aprendendo junto com a gente. Essa interação é bastante interessante e proveitosa, pois uns vão aprendendo com os outros aquilo que não podem conhecer naturalmente.

Nas aulas de laboratório de biologia o objetivo da prática era a observação, com posterior representação da estrutura vista ao microscópio e, mesmo nesse caso, a situação foi solucionada de modo fácil e útil para ambas as partes. Ao término das aulas a avaliação consistia na observação e identificação da estrutura

mostrada pela professora ao microscópio. Diante da impossibilidade de ser avaliada dessa maneira, a professora solicitou-me um trabalho escrito contendo a descrição das estruturas estudadas no laboratório, o que me fez aprender através da pesquisa aquilo que os outros haviam aprendido através da observação/visão.

Os deveres do aluno com deficiência são similares aos de qualquer outro aluno: participar da construção do conhecimento em sala de aula e responder as solicitações do professor quanto a provas e trabalhos. Portanto, seus direitos ao conhecimento são os mesmos, já que dele será exigido tanto quanto os outros. As variações podem ocorrer no método utilizado para cobrar o conteúdo, respeitando a singularidade de um aluno com deficiência visual.

Em relação às avaliações, já fiz testes de várias maneiras, desde provas utilizando o Dosvox até provas escritas, incluindo provas orais e trabalhos como já mencionei anteriormente, havendo alguns testes que fiz com uma pessoa lendo e copiando as respostas para mim. A escolha do método utilizado para a realização da prova varia de acordo com o caráter da disciplina e a especificidade do conteúdo que será exigido.

Tudo isso corresponde ao modo como eu tenho desenvolvido as minhas atividades na Universidade, e algumas coisas podem ser utilizadas também por outros alunos cegos como eu, e outras coisas podem também ser totalmente estranhas a eles. Como eu disse no início, nada é regra absoluta. O fato de não enxergar não acaba com a singularidade de cada pessoa, transformando os deficientes num tipo padronizado de pessoa por causa de sua limitação.

Espero ter conseguido alcançar o meu objetivo, que era mostrar que é possível que uma pessoa cega esteja na Universidade como um aluno e até mesmo como um bom aluno, desde que cumpra com suas obrigações, participando, aprendendo, construindo conhecimento e profissionalizando-se. É claro que uma pessoa com alguma deficiência possui necessidades especiais. Eu preciso de várias coisas que os meus colegas não necessitam, mas isso também faz parte. Confesso que em alguns momentos me

sinto um pouco chateada por não poder aproveitar certas coisas por causa da minha deficiência. Contudo, nessas situações me lembro do que uma amiga me disse quando ouviu meu desabafo: - *Todo mundo é assim, tem coisas que a gente não consegue acompanhar quando o professor está explicando, mesmo que esteja enxergando tudo. Cada um tem suas limitações.* Por isso é bom interagir com os outros, pois o outro tem limitações e capacidades diferentes, que nos permite crescer juntos, através de uma colaboração mútua.